
TRAJETÓRIAS DE JOVENS ADULTOS: CICLO DE VIDA E MOBILIDADE SOCIAL*

Myriam Moraes Lins de Barros

Universidade Federal do Rio de Janeiro – Brasil

Resumo: *Este artigo tem como objetivo analisar os processos de transição para a fase adulta do ciclo de vida a partir de entrevistas realizadas com jovens, de ambos os sexos, moradores no Rio de Janeiro. No universo pesquisado, percebe-se que a passagem para a vida adulta está entrelaçada ao projeto de mobilidade social que é apreendido através da história da família e do próprio indivíduo entrevistado. A liberdade, a valorização da intimidade individual, o acesso à educação, a possibilidade de independência financeira através do trabalho e a distinção em relação à geração dos pais são elementos apresentados como fundamentais nesse movimento de transições de classe e de níveis de maturidade.*

Palavras-chave: *família, juventude, mobilidade social, trajetória de vida.*

Abstract: *The objective of this article is to analyze the transition processes to the adult phase of the life cycle through interviews that were held with youngsters, from both genders and that live in Rio de Janeiro. In the researched cosmos it's possible to notice that the transition to adult life is intertwined to the social mobility project which understood through the family history and the interviewee. Freedom, the value of individual privacy, access to education, the possibility of financial independence through work and the distinction in relation to the parents' generation, are elements which are presented as fundamental in this class transition and levels of maturity movement.*

Keywords: *family, life path, social mobility, youth.*

* Este artigo é resultado da pesquisa “Família em camadas médias: perspectiva dos jovens adultos sobre as mudanças sociais”, desenvolvida na Escola de Serviço Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro, para a qual recebo bolsa de produtividade do CNPq. Agradeço às alunas de graduação Rosanete Steffenon, Ana Carolina Ferraz Correa, Camila Farias e Camila Cunha Arnaldo que participam ou participaram do projeto como bolsistas Pibic/UFRJ e IC/CNPq.

Introdução

O projeto de pesquisa intitulado “Família em camadas médias: perspectiva dos jovens adultos sobre as mudanças sociais” tinha como objetivo estudar as transformações da família contemporânea de camadas médias, em particular o fenômeno do prolongamento da juventude identificado nos estudos sobre juventude e em pesquisa anterior, quando estudei três gerações de mulheres de famílias de camadas médias do Rio de Janeiro. Nesses segmentos sociais o período estendido de coabitação dos jovens adultos na casa da família de origem e a entrada tardia no mercado de trabalho, associada à continuidade da educação no nível superior, têm sido apontados como fatos recorrentes e estabelecem uma forma específica de entrada na vida adulta. No projeto referido o foco da pesquisa concentrava-se nos projetos de vida dos jovens e na importância relativa conferida às relações familiares e de amizade, interpretando-os em função das condições de classe, gênero e geração. O projeto original acabou passando por um processo de revisão em função do material produzido nas primeiras entrevistas.

Para a constituição do universo de pesquisa foram acionadas minhas redes sociais e as das bolsistas de graduação da Escola de Serviço Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Ter curso superior completo ou em andamento, morar no Rio de Janeiro e ter idade entre 20 e 30 anos foram os critérios definidos para a escolha dos jovens a serem entrevistados, e estavam em aberto os aspectos referidos à religião, ao estado civil, à autodefinição de raça/etnia e à organização domiciliar. Esse procedimento foi responsável por um conjunto heterogêneo de jovens, porém com relatos semelhantes de trajetórias de vida que apontavam para um projeto de mobilidade social. Esse aspecto foi revelado logo nas primeiras entrevistas. As discussões iniciais sobre o trabalho de campo a partir do perfil dos primeiros entrevistados acabaram introduzindo a questão teórica e metodológica da mobilidade social que não estava prevista no projeto original. Procedeu-se, assim, à reformulação do roteiro que abarca as trajetórias de vida e a formulação dos projetos e demos continuidade às entrevistas.

A mobilidade de classe e a transição para a vida adulta apresentadas nos relatos de trajetórias de vida de seis homens e cinco mulheres jovens e solteiros são as questões desenvolvidas neste artigo. Nos relatos das trajetórias

de vida alguns temas como família, trabalho e educação aparecem com maior ênfase e permitiram aos entrevistados elaborar comparações entre suas experiências e projetos de vida e as trajetórias de vida dos pais, trazendo uma história intergeracional de possibilidades diferenciadas de organização familiar, escolarização e ocupação.

A tensão entre o desejo de ascensão social e profissional a partir do aumento de grau de escolaridade e a manutenção de padrões socioculturais permeia os relatos dos jovens e se apresenta como uma entre as múltiplas e diferenciadas experiências de transição para a vida adulta. Essa tensão é evidenciada na elaboração de um projeto de vida que procura, por um lado, manter valores definidos pela família de origem e, por outro lado, atingir um *status* mais reconhecido na sociedade com a obtenção de um diploma universitário e uma melhor posição no mercado de trabalho.

O investimento de jovens adultos em um projeto de escolarização de nível superior se realiza em um momento de mudanças de padrões educacionais e econômicos em uma sociedade complexa e heterogênea¹ e que permanece economicamente desigual.² Se hoje há maior possibilidade de ascensão social via educação, essa possibilidade é apreendida e vivida de diferentes modos por jovens e por suas famílias. A trajetória familiar e as diferenças entre as gerações da família são absolutamente fundamentais para compreender o projeto elaborado pelos jovens, caracterizado por um duplo movimento: a transição para a vida adulta e a mobilidade de classe.

Para o jovem, a continuidade dos estudos no nível superior representa um esforço para conquista de sua autonomia e independência frente à família em uma conjuntura que lhe não oferece garantias de continuidade desses mesmos projetos de vida. O trabalho dirigido para o duplo movimento de transição de situação de classe e de idade implica, por sua vez, um constante questionamento de si mesmo, uma avaliação sempre renovada sobre a viabilidade

¹ A sociedade moderno-contemporânea é identificada por sua heterogeneidade socioeconômica e pela coexistência de distintos padrões culturais. No plano da vida individual, essa heterogeneidade e complexidade é observada na trajetória de vida, nas inter-relações sociais que se dão nos diferentes mundos pelos quais o indivíduo transita (Velho, 1994).

² Pastore (2001) explica a permanência da desigualdade apesar dos processos de mobilidade social indicando a diversidade e heterogeneidade de trajetórias sociais: “Quando se passa para a análise dinâmica, verifica-se que a desigualdade social decorre do fato de que a grande maioria dos brasileiros que sobe na escala social percorre pequenas distâncias e a minoria percorre grandes distâncias. Isso provoca um estiramento da pirâmide social, do que resulta a desigualdade.”

do projeto e sobre o desejo ou não de mantê-lo. Embora se apresente como um movimento individual, formular projetos e questioná-los são ações que se realizam nas interações nos diferentes mundos sociais em que os jovens circulam na sociedade. Os códigos morais de conduta, apreendidos na socialização primária, têm importância fundamental nesse processo e, mesmo com a intenção de ruptura com a família de origem, ela é a referência para as escolhas e definições dos projetos de vida.

A situação é vivida de forma ambígua. Sair de casa e ser economicamente independente dos responsáveis são dois processos compreendidos para os jovens como marcadores da passagem para a vida adulta. Deixar a casa parental pode ou não significar conflitos abertos e dramas familiares, e ser independente pode não levar ao rompimento com o circuito de trocas de bens, favores e afetos na rede familiar.

As análises econômicas baseadas nos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios de 2007 indicam o surgimento da chamada “nova classe média” (Neri, 2008) e a queda da desigualdade de renda *per capita* a partir de 2001. O acesso a níveis mais elevados de escolarização no país e a postos de trabalho mais qualificados é um dos indicadores desse resultado econômico (Barros et al., 2010). No plano das relações interpessoais, o incentivo familiar para a continuidade dos estudos é um elemento de ordem sociocultural nesse panorama de mudanças socioeconômicas e de mobilidade social, contexto distinto dos movimentos observados em períodos anteriores de nossa história.

Pastore e Silva (2000) mostram que a mobilidade social no Brasil a partir dos anos 1990 se faz em um movimento circular no qual a ascensão ocupacional de alguns corresponde à saída de outros do mercado de trabalho por morte, aposentadoria ou descenso no nível ocupacional. Nesse processo histórico, a educação tem papel fundamental, o que não ocorre no período histórico anterior, quando as mobilidades ocupacionais não exigiam alto nível de escolaridade. Para essa análise os autores trabalham as dinâmicas intergeracionais e intrageracionais comparando as trajetórias de vida de pais e filhos e as mudanças ao longo da vida do jovem que tem atualmente mais acesso à educação. “A boa educação passou a ser uma ferramenta essencial para competir e ter êxito num mercado mais exigente.” (Pastore, 2001). Há nas análises econômicas e sociológicas perspectivas metodológicas distintas e visões mais ou menos otimistas quanto à queda das desigualdades socioeconômicas. Entretanto, a participação da educação nesse processo nos últimos anos é um fator consensual.

Para os jovens, a despeito da instabilidade social e econômica, o percurso de mobilidade social não pode ser visto apenas pelo nível educacional atingido e pela carreira profissional. A visão de mundo e os estilos de vida são fundamentais para compreender as opções realizadas nesse momento de vida, e implicam a inserção de cada um dos jovens nos diferentes mundos sociais e em diferentes redes de sociabilidade. Esse conjunto de fatores corresponde à posição relativa do indivíduo “ocupada no espaço social, isto é, na estrutura de distribuição de diferentes tipos de capital [...]” (Bourdieu, 1996, p. 27) e define um campo de possibilidades, dimensão sociocultural e espaço para formulação e implementação de projetos.³

A própria definição do momento do curso da vida é, em si mesma, uma questão para os jovens. O significado de ser jovem ou adulto compreende padrões estéticos, valorização de determinadas experiências de vida e códigos de comportamento. Mas os aspectos institucionais do ciclo da vida não são deixados de lado na identidade etária; dessa forma, os aspectos subjetivos se conjugam aos padrões de ordem sociojurídica de forma tensa.

Nos estudos antropológicos e sociológicos a temática sobre as etapas da vida, especialmente sobre os momentos de transição de idade, é vista como uma dimensão social fundamental para a compreensão das mudanças de significado das idades e das transformações nas relações familiares e geracionais (Camarano, 2006; Debert, 2006; Lins de Barros, 2006a, 2006b; Peixoto, 2004).

A flexibilização, o esmaecimento das fronteiras etárias, a pluralidade e a heterogeneidade de experiências geracionais e etárias têm sido apontados como fenômenos característicos da contemporaneidade. As idades deixam de ser entendidas apenas como as referências cronológicas fundamentais para a inserção dos indivíduos na sociedade moderna, cuja organização social regulamenta direitos e deveres de acordo com as idades, e passam a ser apreendidas como etapas que definem estilos que podem ou não ser adotados e delimitam fronteiras entre indivíduos e segmentos sociais, como podemos ver no significado da juventude ou da “terceira idade” como um modo de ser e de estar no mundo.

³ Para Velho (1994, p. 46): “Os projetos individuais sempre interagem com outros dentro de um campo de possibilidades. Não operam num vácuo, mas sim a partir de premissas e paradigmas culturais compartilhados por universos específicos.”

Há, também, na caracterização flexível e plural das identidades etárias o pressuposto da quebra da linearidade sequencial das etapas da vida e da esperada conexão dos eventos do ciclo de vida. A transição “tradicional” da juventude para a vida adulta, identificada pela simultaneidade dos acontecimentos como a saída da casa dos pais, o casamento e a entrada no mercado de trabalho, vai dar lugar às dissociações entre sexualidade, casamento e procriação e às situações diferenciais de classe, gênero e etnia que passam a ser relevantes para a compreensão do processo de transição e de autonomia e independência (Camarano, 2006; Guerreiro; Abrantes, 2004; Heilborn; Cabral, 2006). As incertezas do mundo do trabalho, as interrupções na educação, a saída e retorno a casa dos pais levam à dissociação entre a autonomia existencial e a independência social e econômica próprias desse movimento de transição. Paralelamente à ênfase na construção social dos significados das idades, as fases do ciclo de vida são analisadas na literatura como são percebidas pelos indivíduos nos diferentes contextos sociais, como estágios de maturidade que geram e alimentam novos tipos de hierarquia social. As transições para a vida adulta, por exemplo, vão pressupor uma série de fatores que devem ser colocados em evidência para além da idade cronológica como a experiência, a responsabilidade e o compromisso social, político e interpessoal.

A formulação dos projetos de vida circunscreve-se a esse contexto socio-cultural e econômico onde as situações e condições de classe e gênero vão ser fundamentais para uma perspectiva de curto, médio ou longo prazo (Franch, 2009; Leccardi, 2005).

Estudar, trabalhar, sair de casa: eventos de transição e diferenças de gênero

Em pesquisa anterior, com um universo composto por três gerações de mulheres de camadas médias, a passagem da juventude para a vida adulta é interpretada pela transitoriedade de projetos de vida, pela importância atribuída ao aprimoramento de si e pelas buscas por especializações profissionais e por relações amorosas. A quebra sequencial dos eventos de transição para a vida adulta é vivida através da permanência na casa da família de origem e da circulação das jovens entre as casas dos pais separados, das avós e de experiências esporádicas de saídas de casa que ocorrem paralelamente à profissionalização e às experiências sexuais. A valorização da autonomia individual

compartilhada pelas várias gerações não está necessariamente associada ao projeto de independência financeira das jovens (Lins de Barros, 2009; Lins de Barros et al., 2009). Diferentemente dos jovens estudados neste artigo, as jovens da pesquisa anterior têm pais com curso superior completo, estão em ocupações valorizadas e com renda que os permite sustentar o prolongamento da dependência dos filhos.

Os jovens, objeto de atenção neste artigo, têm em comum o projeto de escolarização e de mobilidade social mas há entre eles diferenças de trajetórias familiares, condições de vida e de postura frente às possibilidades de realizar os planos elaborados ao longo dos anos. São seis homens e cinco mulheres que se percebem situados em segmentos das camadas médias. Pretendia-se, com este perfil etário, encontrar jovens que estivessem em algum curso superior ou que já estivessem formados, entendendo ser a escolarização um aspecto importante na construção da passagem para a vida adulta. A idade, o sexo, a escolaridade e a situação de classe foram se combinando com os outros fatores trazidos pelos relatos das histórias de vida. Entre estes é destacado o projeto de mobilidade ascendente em um processo tenso de conquista de autonomia e de independência financeira, e é esse projeto o que define a especificidade desse universo pesquisado.

Memória e projeto de vida fazem parte de uma mesma lógica narrativa que constrói biografias e trajetórias dando sentido aos eventos e às ações dos indivíduos. Dessa forma, é a partir da situação em que se encontram hoje e das intenções de organizar uma história de si que os jovens também discorrem sobre seus projetos de vida.⁴ Nesse momento de transição do curso da vida, alguns marcadores de níveis de maturidade validados culturalmente são realçados, como a possibilidade de sair da casa parental, trabalhar e ser independente financeiramente, casar e ter filhos. Nos relatos, as dimensões de idade e classe social se entrecruzam com a percepção que os entrevistados fazem de si e da sociedade, e com as avaliações sobre as mudanças na vida pessoal e familiar e na ordem social mais ampla.

⁴ A pesquisa privilegiou a perspectiva da construção social das biografias (Bourdieu, 1996; Lins de Barros, 2006a, 2009; Velho, 1994), interpretando os significados e os sentidos presentes das narrativas, contextualizando-as como discursos que os jovens fazem de si e da sociedade. Propôs-se interpretar o “fluxo do discurso social” (Geertz, 1978), dando atenção às condições de produção das narrativas e buscando as recorrências de sentido presentes nos diferentes relatos.

Todos os jovens são solteiros e apenas um dos rapazes (Narciso)⁵ tem um filho de um ano e dois meses. Embora a definição de cor/etnia não seja um aspecto tratado ao longo deste artigo, é interessante elencar as autodefinições de cor que podem contribuir para o desenho do perfil desse universo de jovens em processo de mobilidade social. Assim, no grupo dos homens, dois se declaram brancos, dois pardos, um moreno claro, e um “latino-americano”. No grupo das mulheres, uma se declarou branca, uma parda, uma morena clara, uma negra e uma “mais para mulata”.

Com relação à escolaridade e à ocupação, os homens cobrem as seguintes áreas de atuação e se distribuem pelos seguintes bairros do Rio de Janeiro: Diego é professor em escolas particulares; graduado em filosofia, está fazendo o curso de mestrado na mesma área; sua renda mensal varia entre R\$ 1.500,00 a R\$ 2.000,00 e mora em Vila Isabel (Zona Norte) em apartamento alugado de três quartos com mais dois rapazes; Alex é engenheiro de telecomunicações e está atualmente desempregado, vivendo de “reservas” acumuladas provenientes do próprio trabalho e de auxílio financeiro da mãe; mora com Diego; Lucas é engenheiro elétrico com duas especializações, uma em engenharia elétrica e outra em segurança; é funcionário de uma grande empresa de eletricidade, com renda mensal de R\$ 4.000,00; mora sozinho em apartamento alugado em Vila Isabel; Artur é estudante de doutorado em física com mestrado e graduação na mesma área; bolsista de pós-graduação, recebe R\$ 1.800,00 por mês; divide o apartamento alugado em Botafogo (Zona Sul) com um rapaz e uma moça, ambos estrangeiros; Nelson faz graduação em letras, tem bolsa no valor de R\$ 300,00 que corresponde às aulas que dá na própria universidade; as demais despesas são garantidas pelo pai dentro dos limites negociados entre ambos; mora com os pais e um irmão em casa própria em Jacarepaguá, na Praça Seca (Zona Oeste); Narciso é graduado em contabilidade; contador de um banco de investimentos com possibilidade de realizar MBA ou mestrado na Fundação Getúlio Vargas financiado pelo próprio banco onde trabalha, seu salário é de R\$ 4.000,00 e a renda familiar mensal está em torno de R\$ 10.000,00, proveniente dos salários da mãe e de duas irmãs; mora com a mãe, três irmãs e uma sobrinha em apartamento em Bonsucesso (Zona Norte).

⁵ Todos os nomes dos entrevistados são fictícios.

O local de moradia e a formação e a ocupação das mulheres é assim distribuída: Sara faz a graduação em serviço social e é dependente financeiramente dos pais; mora durante a semana em Botafogo com outras estudantes e nos fins de semana volta para a casa dos pais em Campo Grande (Zona Oeste); Natália é estudante de doutorado em física com mestrado e graduação na mesma área; bolsista de pós-graduação, recebe R\$ 1.800,00 por mês; a renda familiar, em torno de R\$ 3.300,00, é proveniente do benefício da assistência pública recebido pela mãe, no valor de um salário mínimo, e dos ganhos da irmã (R\$ 1.000,00), também graduada; as três moram em apartamento alugado de quarto e sala em Botafogo; Tatiana é formada em pedagogia, trabalha como recepcionista em uma empresa recebendo por mês R\$ 600,00; sua família tem uma renda mensal em torno de R\$ 2.000,00, garantida pelo trabalho e aposentadoria paterna e aluguel de um imóvel; mora em casa própria com os pais e a irmã no Méier (Zona Norte); Ingrid fez graduação em ciências sociais, passou em concurso para o cargo de gerente administrativa da prefeitura do Rio de Janeiro e recebe por mês R\$ 1.500,00; a mãe e a irmã colaboram com as despesas mensais; mora com a irmã e uma prima em apartamento alugado na Lapa (Centro); sua mãe passa alguns dias da semana com as filhas, mas sua residência é em Pedra de Guaratiba (Zona Oeste); Laura é formada em direito, com mestrado em filosofia e cursa atualmente o doutorado em serviço social; depois de lecionar em faculdade particular, vive com a bolsa de doutorado no valor de R\$ 1.800,00, dividindo com uma amiga as despesas do apartamento alugado no Flamengo (Zona Sul).

O itinerário escolar da maioria dos jovens foi em escolas públicas desde o ensino fundamental. Com discursos que enfatizam o próprio esforço e mérito, alguns jovens conseguiram bolsas de estudos em escolas particulares no ensino médio, duas são amigas desde esse período, quando estudaram em colégio católico na Zona Sul. Um delas, Ingrid, relata sua experiência, mostrando o quanto estava pessoalmente empenhada nesse projeto.

Lá fui eu de novo, fiz tudo por minha conta, nem contei pra minha mãe. A minha mãe tava apavorada: “Não tem dinheiro, como é que vai fazer, daqui a pouco tem vestibular, tem que manter o nível. E agora?” “Ah, deixa que eu me viro.” Aí fui lá, voltei, fiz dinâmica e não sei o quê, e minha mãe já quase desanimando. [...] Aí estudei lá, a minha irmã também conseguiu uma bolsa, mas a minha irmã não era muito simpática, a bolsa dela foi encolhendo. Teve uma época que a minha mãe pagava quase integral pra ela e eu tinha 70% de bolsa.

De forma semelhante, Nelson comenta: “[...] sempre que a escola permitia fazer aqueles concursos de bolsas, eu fazia as provas. Eu fiquei um ano com bolsa de 100% na escola em que estudava e também por ter tido uma boa colocação ganhei uma bolsa de 100% no curso de inglês.”

As universidades públicas, nos cursos de graduação e sobretudo de pós-graduação, também estão presentes na trajetória da maior parte dos entrevistados. Alguns realizaram todo o percurso, do ensino do fundamental à pós-graduação, em instituições públicas, como Lucas:

Públicos até o final, o último ano do ensino médio, eu estudei em colégio público, do jardimzinho até o 3º ano e depois eu fiz pré-vestibular particular. [...] Na verdade eu não gastei dinheiro com os estudos. Depois a faculdade, que eu fiz pública também, e... Depois teve a pós, uma eu fiz paga e a outra foi pública. Então praticamente eu nunca gastei dinheiro com os estudos.

Em todos os discursos perpassa a ideia da conjugação de ações de cada um e do grupo familiar para a permanência e a continuidade dos estudos universitários desses jovens, que se concretiza na concessão de bolsas de estudos na graduação e na pós-graduação, no apoio financeiro da família e no próprio trabalho dos entrevistados, como é relatado por Narciso e Tatiana, que custearam as graduações em instituições privadas de ensino. Estudar e trabalhar não é uma realidade apenas para estes dois jovens.⁶ Ainda no ensino médio, alguns entrevistados já estavam no mercado de trabalho. Eram trabalhos “de viração”, como venda de lingerie e balconista com contrato de trabalho precário e temporário, não muito diferentes dos que alguns pais realizavam.

A mobilidade educacional se conjuga à espacial. A maior parte dos jovens transitou, seja com a família, seja individualmente, por diferentes cidades e bairros do Rio de Janeiro. As diferenças significativas de gênero nos itinerários residenciais aparecem na maior mobilidade geográfica dos homens. A formação desse conjunto de entrevistados pode ser uma razão para essa diferenciação, mas ela faz sentido também quando a referimos aos padrões

⁶ Para Sposito (2005, p. 106): “Assim, para os jovens brasileiros, escola e trabalho são projetos que se superpõem ou poderão sofrer ênfases diversas de acordo com o momento do ciclo de vida e as condições sociais que lhes permitirão viver a condição juvenil.”

generificados de comportamentos que criaram as possibilidades mais efetivas para os homens saírem de suas cidades e virem estudar no Rio de Janeiro.

A emigração internacional de brasileiros, do final do século XX e início do XXI, mostra um percurso que se inicia com a ida para os EUA, a entrada no mercado de trabalho como pedreiros, copeiros e domésticos e o plano de retorno ao Brasil (Assis; Campos, 2009). Essa experiência é muito distinta daquela apresentada pelos quatro jovens entrevistados que saíram da casa dos pais em outros estados do Brasil ou cidade do estado do Rio de Janeiro com a intenção de dar continuidade aos estudos no nível superior e buscar trabalho qualificado. Diego foi quem saiu de casa mais cedo. Aos 16 anos deixou a casa dos pais para seguir a vida religiosa, passou oito anos em seminários católicos em diferentes cidades, estudando até graduar-se em filosofia. Veio para o Rio de Janeiro à procura de um campo de trabalho depois que abandonou o projeto original.⁷ Alex e Lucas vieram sozinhos para o Rio de Janeiro depois de passarem no vestibular de engenharia e Artur dá continuidade, na pós-graduação, a seus estudos depois de ter transitado por Belo Horizonte, onde morou com amigos de parentes para se preparar para o vestibular em Viçosa (MG), onde fez sua graduação, morando no alojamento de estudantes.

Os outros dois que nunca deixaram os bairros em que moram desde a infância estão vendo a possibilidade da saída de casa. A independência financeira de Narciso lhe permite pensar em viver sozinho e planejar a compra financiada de um apartamento. A independência financeira é conjugada à responsabilidade com a família e com o filho. Trabalha desde cedo e foi responsável pelas mensalidades de seu curso de graduação.

Trabalho desde muito cedo. Deixa ver... eu já vendi castanha na rua, eu já fui entregador da De Millus, entreguei calcinhas, já fui chaveiro, já fui operador de *telemarketing*, já fiz alguns estágios, fiz estágio na Tim durante dois anos, depois fiz estágio numa empresa do exterior que era basicamente a mesma coisa, depois eu fui pra auditoria, aí eu auditei pra banco suíço, fiz auditoria um pouco mais de um ano, um ano e meio, depois da auditoria eu fui pro banco, pro Banco BBM e lá eu estou até hoje.

⁷ O trânsito pela vida religiosa foi um fator que facilitou o deslocamento e o projeto de Diego. Não é possível, neste momento, aprofundar essa questão, que poderá ser trabalhada futuramente.

Assim como outros rapazes entrevistados, Narciso entende que não pode arcar com despesas acima de sua condição econômica, sabe qual o passo que pode dar, mesmo em se tratando de alguém que não dispensa o consumo com o lazer e com as duas “namoradas”, uma delas a mãe de seu filho. A convivência com a mãe e as irmãs não é, assim, a razão do projeto de saída de casa, mas a concretização de sua independência.

Para Nelson, buscar a privacidade e a liberdade é o que o mobiliza a arrumar um apartamento só para si. A relação conflituosa com o pai em função de sua orientação sexual e a presença do irmão com problemas psicológicos graves o levam a estabelecer estratégias para realizar seu projeto de saída de casa com o apoio moral da mãe. A percepção dos limites e do conflito que enfrenta na preservação de sua privacidade e da liberdade para levar amigos e namorados para casa o aproxima das experiências das mulheres entrevistadas, salvo Sara, como será visto adiante.

Entre as mulheres, quatro residem com os pais, com a mãe, irmãs e prima. Sara, apesar de passar os dias da semana em apartamento que divide com outras universitárias, tem a casa dos pais em Campo Grande, na Zona Oeste da cidade, como referência. A experiência de morar longe dos pais e com outras jovens permitiu a Sara dedicar-se às atividades religiosas que realiza entre estudantes universitários evangélicos, e para as quais dedica boa parte de seu tempo. Sara refere-se ao apartamento que divide com outras estudantes como “o escritório de Alfa e Ômega”. A casa em Campo Grande é a casa da família. Essa experiência corresponde a um momento de transição e de definição de projetos futuros dirigidos para a militância religiosa, uma pré-saída da casa dos pais com uma direção mais ou menos definida, experiência semelhante à examinada anteriormente em pesquisa que realizei com estudantes universitários que fazem da migração individual para o Rio de Janeiro uma experiência transitória para uma vida independente e autônoma (Lins de Barros, 2004). Mas, de qualquer forma, Sara não pensa em um futuro separado dos planos familiares, uma vez que pretende trabalhar no estabelecimento comercial dos pais depois de formada e tentar conciliar essa atividade com a militância religiosa.⁸

⁸ Destaco a importância da militância religiosa no projeto de vida de Sara. Esse tema, fundamental para a compreensão de trajetórias de indivíduos na sociedade brasileira contemporânea, exigiria o resgate de uma literatura que não será possível neste momento realizar.

Natália, por sua vez, viveu dois processos de saídas e de retornos, um aos 19 anos, quando morou com o namorado por cinco anos, retornando a casa onde vivia com a mãe, a irmã e uma tia. O período de um ano e sete meses que passou durante seu doutorado na Alemanha é vivido também como uma saída de casa, período em que teve que vivenciar sozinha a estada em um país estrangeiro. No retorno ao Rio de Janeiro, volta a viver com a mãe e a irmã, sentindo no regresso a dificuldade de se adaptar à vida em família, precisando realizar negociações constantes de toda ordem, desde as de ordem financeira como as afetivas. O projeto de um dia ter um lugar só para si, onde possa pensar em constituir família e levar adiante sua carreira, não elimina a responsabilidade que tem pela mãe, deficiente auditiva. Dessa forma, nos planos de saída de casa permanece a convivência com a mãe. A responsabilidade faz parte do projeto de autonomia e de liberdade.

Laura, por sua vez, saiu da casa dos pais em Maricá (RJ) para fazer a graduação, período em que morou com a irmã em Niterói (RJ). Mais tarde, o trabalho no Rio de Janeiro a deslocou novamente para fora da casa parental. Depois da experiência de aluguel de um quarto, conseguiu finalmente dividir com uma amiga um apartamento.

Com exceção de Sara, a mais nova do grupo de entrevistadas, as outras jovens têm mais claramente o desejo de privacidade e de liberdade que podem ser conquistadas com a saída de casa. Para Natália, Tatiana e Ingrid a convivência pesada e conflituosa com os pais ou com as irmãs é um fator importante na definição do desejo de saída de casa, dificultado pelas condições financeiras pessoais e familiares. Ingrid, referindo-se à irmã e respondendo à questão de como pensa a arrumação de um apartamento só para si, mostra irritação com a situação vivida e incômodo com o comportamento da irmã e o modo de usar o espaço comum da casa:

Não seria nada parecido com essa confusão aqui. Olha, isso aqui é da minha irmã, que é formada em artes plásticas [aponta para estante com variados materiais – papéis, plásticos, caixas...]. Ela acha que a casa dela é o ateliê, então ela me irrita, porque a gente tenta manter a coisa arrumada. Nada disso, um móvel de cada cor. A minha mãe vai comprar as coisas a gente fala: “Mãe, é tudo escuro?”, aí ela traz esse negócio claro, é tudo uma bagunça.

Natália e Ingrid definem muito bem o papel que desempenham nas relações familiares como suporte financeiro e como organizadoras do ambiente doméstico. A ideia de responsabilidade permeia o sentido de suas vidas. Natália trabalha desde os 15 anos e pagou parte da mensalidade dos colégios que frequentou, uma vez que não tinha bolsa integral. Faz cálculos do orçamento doméstico e mostra como ela, sua mãe e sua irmã “que demorou um pouquinho para ficar responsável”, contribuem para as despesas de comida, aluguel, remédios, roupa. Ingrid relata o próprio esforço e tenacidade para conseguir bolsas de estudos nos colégios particulares e segue as recomendações da mãe para um projeto de vida independente baseado no trabalho:

“Vocês têm que trabalhar, vocês têm que ter o dinheiro de vocês, o primeiro marido de vocês tem que ser a profissão, um trabalho digno, pra vocês cuidarem da vida de vocês, ter a casa, um teto, o campo.” Então isso, realmente essa ideia é muito trabalhada aqui, muito divulgada aqui em casa.

Tatiana dá ao conforto da casa dos pais um peso maior do que a busca de uma nova residência. Na casa dos pais pode contar com móveis, aparelhos domésticos, pagamento das contas de telefone, plano de saúde, internet e com o trabalho doméstico da mãe, para quem paga uma quantia para cuidar de suas roupas. Dessa forma, ficar no quarto que divide com a irmã é uma estratégia para lidar com o controle paterno e a invasão de sua privacidade. Ela mostra-se também disponível para cobrir as dificuldades financeiras eventuais do pai e relata a ocasião em que pagou as dívidas de seu cartão de crédito. Com a lembrança desse fato mostra a ideia de responsabilidade e de reciprocidade familiar, definida por Tatiana como “cuidado”, termo que usa ao descrever a preocupação do pai de garantir as despesas básicas da família e um “certo conforto”.

A experiência religiosa contribui, também, para formar o perfil desse universo e compõe com as representações de família um quadro no qual podemos distinguir os jovens das jovens. Todos os homens se identificam como cristãos e, em sua maior parte, católicos, e não há qualquer passagem por outras religiões ou igrejas. Entre as mulheres percebe-se que a relação com a religião tem um caráter menos tradicional, obedecendo mais às escolhas individuais e transitórias, com exceção de Sara, que é evangélica e participa ativamente do “movimento estudantil cristão” Alfa e Ômega, onde tem um papel de liderança no *campus* da universidade. Natália é católica “de formação”;

Tatiana se identifica com o “espiritismo”; Ingrid está, no momento, frequentando uma sinagoga messiânica; Laura é umbandista, mas já foi católica e passou pelo candomblé.

O trânsito religioso das mulheres e a permanência da referência religiosa familiar, no caso dos homens, ganham mais sentido e ao mesmo tempo maior complexidade na relação dessa dimensão religiosa com a maior ou menor tensão e dramaticidade vivida nas relações familiares, como já foi examinado acima e observado nas formas mais diretas com que os homens lidam com as relações com os pais, não problematizando a ajuda financeira que dão a eles agora que estão em melhor situação financeira. Apenas Nelson, entre os rapazes entrevistados, tem um discurso tecido por tensões, fica “socado” no quarto para tentar estudar, ouvir música e manter as conversas pela internet no MSN, Twitter, Fotolog, YouTube. Com o pai, que é um “banco” bastante impessoal, comunica-se por bilhetes: ele escreve o quanto precisa e o pai deixa, em cima do mesmo móvel, a quantia solicitada, e nunca ele abusa dessa caixa paterna.

Mas mesmo nesse caso e no de Tatiana, que se sente vigiada a tempo todo pelo pai, a visão é de que os pais e, sobretudo, as mães são a referência para a vida e para o trabalho, este entendido como um valor. Natália é a única que diz que não aprendeu nada com a mãe e muito menos com o pai, com quem não tem qualquer contato há muitos anos. As diferenças de gênero também são sentidas aí. Diogo sintetiza com a expressão “modelo de superação” o que os homens pensam de seus pais. Narciso desenvolve essa percepção, referindo-se à mãe que enviuvou cedo:

A minha referência é ela. Porque com toda a dificuldade dela, de perder o marido, com quatro filhos, ela deu o jeito dela e criou a gente, ninguém virou bandido, ninguém teve caminho torto, todos somos focados no estudo, focados em progredir. E isso não tendo muita proximidade com a gente, por que ela trabalhava muito. Eu tenho ela como... como... não como um espelho, mas como um modelo, vamos dizer assim.

Mesmo com um olhar mais crítico, as mulheres também apresentam os valores recebidos pelos pais e pelas mães como o legado de vida determinante para se posicionar no mundo e, sobretudo, para o projeto de futuro. O trabalho feminino passa a ser uma definição de mulher, como fala Ingrid sobre o conselho da mãe para casar primeiro com o trabalho e depois procurar marido. A

determinação de Tatiana de continuar a trabalhar e não substituir a autoridade do pai pela do marido é percebida como uma atitude similar àquela vivida pelos pais, identificada como a luta e rebeldia contra os avós maternos que não aceitavam o casamento e, mesmo assim, conseguiram, “batalhando”, construir a casa própria. Laura, por sua vez, percebe os valores paternos responsáveis por sua formação como profissional e como sujeito no mundo no respeito ao próximo e no incômodo com acontecimentos políticos e injustiças.

Mobilidade social e transição no ciclo de vida: fenômenos entrelaçados

Lutas, batalhas, superação das condições de vida sociais, esforço e trabalho dão o tom dos relatos de vida dos pais e dos legados morais de seus projetos de vida. Dessa forma, mesmo com as crises familiares apresentadas, sobretudo, pelas mulheres e por Nelson, os entrevistados não sentem que realizaram ou que venham a realizar uma ruptura significativa com os valores parentais. Para os jovens entrevistados, com exceção de Natália, os pais são as pessoas mais importantes como referência de padrões morais. A trajetória de vida dos pais é percebida e valorizada pelas marcas positivas da superação das condições sociais desfavoráveis e pelo valor do trabalho honesto, que abrem as possibilidades para a mobilidade social dos filhos e para que estes tenham seus próprios projetos de vida. Esse panorama não difere do apresentado por Oro (2004) e Machado (2004) quando analisam os dados da pesquisa sobre as representações de universitários e profissionais sobre os valores herdados e os que são referência no cotidiano. Ambos constatam que a família, em suas formas múltiplas e novas modalidades, é representada como a base para a formação do caráter dos indivíduos, assim como é importante para a definição religiosa dos sujeitos.

A mobilidade esperada tem como resultado a gradativa distinção dos jovens com seus pais, em função de novas interações sociais e experiências. A inserção universitária, por exemplo, pode tanto definir a possibilidade de ascensão (ideia essa que é compartilhada pelo núcleo familiar como já foi observado acima), como também abre margem para a busca pela independência e liberdade individual.

Mesmo entre os jovens cujos pais têm escolaridade superior (a mãe de Narciso é assistente social e o pai de Nelson concluiu, depois de casado e já

com filhos, a faculdade de engenharia) ou que ingressaram recentemente na faculdade, como o pai de Artur, há um processo de distinção educacional e profissional em relação aos pais e às mães.⁹ O pai e a mãe de Diego trabalharam “na roça”, hoje ele é servente de pedreiro e ela, empregada doméstica; a mãe de Artur é costureira; a de Ingrid é funcionária da prefeitura como auxiliar de enfermagem e acompanhante em outras horas da semana; os pais de Sara têm um mercado em Campo Grande; o pai de Laura tem uma barbearia em Maricá e sua mãe é professora de ensino fundamental; a mãe de Alex foi bancária durante muitos anos e está desempregada, assim como o pai, que fez algumas tentativas para abrir seu próprio “negócio”.

Para os jovens a ascensão social passa a ser acionada pelo diploma de curso superior, como percebe Narciso:

Ascendeu, ascendeu, porque quando minha mãe, ela tem mestrado acho, uma coisa assim, então eu acho que isso foi primordial pra que ela ascendesse. A minha evolução financeira também se deu bastante depois que eu me formei. Então o meu salário aumentou quase 100%. Não... foi mais, quase 150% de lucro. Então isso se deu bastante pelo curso superior.

Delimitar esse universo de pesquisa em termos de sua situação e condição de classe implicou observar a elaboração de distinções sociais feitas tanto sob o ponto de vista da história familiar como em relação ao campo de possibilidades que está disposto para cada um dos entrevistados. Dessa forma, durante a pesquisa foi dada atenção à trajetória social, às redes de pertencimento, às experiências de mobilidade da família e de cada um dos entrevistados e do contato destes com grupos e círculos que afetam sua visão de mundo e estilo de vida (Velho, 1994). O lugar social que constroem, nesse momento de suas trajetórias, define, nos termos de Ortner (2003), um projeto de classe, constituindo um desejo de mudança de posição e de um investimento constante na construção da identidade de classe.

A mobilidade social que caracteriza a trajetória desses jovens deve ser pensada a partir de suas biografias e das trajetórias familiares. Elas são

⁹ Narciso relata o percurso da mãe em vários planos: educacional, profissional e espacial; este último trata-se da saída da favela para um apartamento em um bairro da Zona Norte. É uma narrativa que pretende apresentar um caso exemplar, com clara intenção de marcar seus valores de referência.

fundamentais para entender como jovens oriundos de famílias de baixa escolaridade, com condições de trabalho precárias, entraram para a universidade e estão buscando postos de trabalho que mais se aproximam de suas aspirações profissionais e financeiras, identificadas pelo prestígio e *status*. De certa forma, a avaliação dos economistas que atribuem à educação as melhores condições de acesso a bens é reproduzida no discurso positivo dos jovens sobre a aquisição de capital educacional e cultural.

Prestígio e orgulho são marcas distintivas de alguns jovens que são os primeiros da família a ingressarem em uma universidade.

Eu sou o único que conseguiu entrar na faculdade pública e vencer, assim, veio do nada, e está ganhando um dinheiro com o que estudei, se dando bem. Então acaba sendo um exemplo para a família inteira. O que eles pensam? É o orgulho... Eu voltei pra casa agora no fim do ano e, assim, um monte de vizinho me conhece e eu não conheço.

As mulheres, mesmo realizando contínua qualificação através de pós-graduações, são mais críticas quanto às possibilidades que se abrem para elas. Ingrid explicita mais claramente essa percepção. Formada em Ciências Sociais pela UFRJ, atualmente funcionária administrativa de um hospital da prefeitura, trata de forma crítica sua posição social: “Eu me considero classe C, não gosto de classe média rastejante. Eu acho que eu estou um pouco abaixo da classe média rastejante.” Sua visão crítica impregnada do conhecimento adquirido no curso de ciências sociais faz de Ingrid a única a se sentir fora das “classes médias”. Todos os outros jovens consideram-se inseridos, hoje, em segmento de camadas médias que passa pela “classe média”, “média média”, “média baixa”, “média em ascensão”, como se refere Narciso.

A distinção e a gradação de classe são criadas como padrão de comparação com a geração dos pais, em primeiro lugar, com sua própria infância e com outros segmentos sociais em função das condições de acesso ao ensino superior e ao consumo. Comprar computador, televisão, aparelho de som, financiar suas próprias viagens, seu lazer e mais, ter como projeto a aquisição de um carro ou de um apartamento por meio de financiamento, os colocam, segundo suas avaliações, nos patamares das camadas médias. O projeto de continuidade de estudos e a colocação em melhores lugares no mercado de trabalho completam a definição de classe pelos jovens.

Concluindo: vemos que entrelaçado ao trânsito para outro momento da trajetória de vida está o projeto de mobilidade social. A liberdade, a preservação da intimidade, a possibilidade de independência através do trabalho e um relativo desentranhamento em relação à família são elementos apresentados como fundamentais nesse movimento de transições de classe e de níveis de maturidade. Pode-se ser jovem e adulto ao mesmo tempo. Ter independência e depender afetivamente da família; ter filho e não casar; ser responsável economicamente pela família e almejar sua privacidade; conviver com as suas incertezas subjetivas e objetivas e a dos pais. Mas há, de qualquer forma, o sentimento de que correspondem positivamente à expectativa social de passagem para outro patamar da vida, mesmo que não de forma ritualizada. O ciclo de vida é, dessa maneira, a marcação do tempo da trajetória. Essa marcação no contexto contemporâneo aponta, justamente, para a complexidade da sociedade onde coexistem os valores individualistas e tradicionais na ação dos indivíduos, nos projetos de independência e autonomia e na preservação e valorização dos laços institucionais e afetivos da família.

Os projetos de vida desses jovens não são de “endurecimento” de vida, como avalia Nelson ao definir o jovem como “um adulto não engessado”. Assim como os pais que entraram “fora da idade” em cursos superiores, eles também podem pensar que o futuro não acaba na conclusão dos cursos superiores e na colocação no mercado de trabalho. Por outro lado, todos, sem exceção, marcam a responsabilidade pessoal frente à família e a si próprios e, longe de estarem voltados para o consumo conspícuo e satisfações imediatas, esses jovens fazem planos, fazem investimentos financeiros, dividem as despesas da casa e auxiliam os pais. Ao lado dessas atitudes responsáveis e em meio aos conflitos interfamiliares, esses “bons moços” e, sobretudo, “boas moças” não têm um padrão tradicional de projetos de constituição de família e de laços amorosos: casar é uma possibilidade que se coloca em um futuro próximo para os homens. Mas, para as mulheres, o casamento (o “viver junto”) só acontecerá quando puderem ter certeza de que podem garantir sua independência e autonomia. Não custa lembrar aqui o conselho da mãe de Ingrid, para casar primeiro com o trabalho.

As formas distintas que os homens e as mulheres desse universo pesquisado percebem as possibilidades de concretização dos projetos de vida merecem um novo investimento de pesquisa que permita aprofundar alguns aspectos, como o desalento das jovens quanto aos planos profissionais para o

futuro e a plausibilidade de um casamento dentro de princípios de autonomia e independência feminina.

A análise da transição para outra etapa da vida em meio ao projeto de mobilidade social mostra um processo e uma disposição para ação semelhante e revela, ao mesmo tempo, as distinções internas a esse universo social, apontando para a pluralidade de experiências de vida e para interpretações distintas que homens e mulheres jovens constroem sobre sua trajetória de vida.

Referências

ASSIS, G. de O.; CAMPOS, E. C. De volta para casa: a reconstrução de identidades de emigrantes retornados. *Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 1, n. 2, p. 80-99, jul./dez. 2009.

BARROS, R. et al. *Determinantes da queda na desigualdade de renda no Brasil*. Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2010. (Texto para discussão n. 1460). Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/sites/000/2/publicacoes/tds/td_1460.pdf>. Acesso em: 28 jan. 2010.

BOURDIEU, P. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas: Papirus, 1996.

CAMARANO, A. A. (Org.). *Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição?* Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2006.

DEBERT, G. G. A antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade. In: LINS DE BARROS, M. M. (Org.). *Velhice ou terceira idade: estudos antropológicos sobre identidade, memória e política*. 4. ed. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2006. p. 49-67.

FRANCH, M. Tempos por vir: a construção simbólica do futuro entre jovens de grupos populares. In: ANAIS DO XIV Congresso Brasileiro de Sociologia. Grupo de trabalho: gerações na contemporaneidade. Rio de Janeiro, jul. 2009.

GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GUERREIRO, M. das D.; ABRANTES, P. *Transições incertas: os jovens perante o trabalho e a família*. Lisboa: DGEEP, 2004.

HEILBORN, M. L.; CABRAL, C. S. Parentalidade juvenil: transição condensada para a vida adulta. In: CAMARANO, A. A. (Org.). *Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição?* Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2006. p. 225-256.

LECCARDI, C. Para um significado do futuro: mudança social, jovens e tempo. *Tempo Social*, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 35-57, nov. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ts/v17n2/a03v17n2.pdf>>. Acesso em: 21 fev. 2010.

LINS DE BARROS, M. M. Do “mundinho” fechado ao universo quase infinito: negociando a saída de casa. *Caderno CRH*, v. 17, n. 42, p. 365-373, set./dez. 2004.

LINS DE BARROS, M. M. (Org.). *Família e gerações*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2006a.

LINS DE BARROS, M. M. Trajetória dos estudos de velhice no Brasil. *Sociologia, Problemas e Práticas*, n. 52, p. 109-132, set./dez. 2006b.

LINS DE BARROS, M. M. Três gerações femininas em famílias de camadas médias. In: VELHO, G.; DUARTE, L. F. D. (Org.). *Gerações, família e sexualidade*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009. p. 46-62.

LINS DE BARROS, M. M. et al. Mulheres, geração e trabalho. *Interseções: Revista de Estudos Interdisciplinares*, ano 11, n. 2., p. 335-351, dez. 2009.

MACHADO, M. das D. C. Autonomia individual e as transformações na família contemporânea. In: ORO, A. P. (Org.). *Representações sociais e humanismo latino no Brasil atual*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004. p. 113-139.

NERI, M. C. (Coord.). *A nova classe média*. Rio de Janeiro: FGV/IBRE, CPS, 2008. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cps/classemedia>>. Acesso em: 28 jan. 2010.

ORO, A. P. Universitários brasileiros e a religião. In: ORO, A. P. (Org.). *Representações sociais e humanismo latino no Brasil atual*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004. p. 59-90.

ORTNER, S. B. *New Jersey dreaming: capital, culture and the class of 58*. London: Duke University Press, 2003.

PASTORE, J. *Combatendo a desigualdade*. Trabalho apresentado no Seminário sobre Pobreza, Banco Mundial (Brasília), 20 set. 2001. Disponível em: <http://www.josepastore.com.br/artigos/ac/ac_112.htm>. Acesso em: 7 jul. 2010.

PASTORE, J.; SILVA, N. do V. *Mobilidade social no Brasil*. São Paulo: Macron Books, 2000.

PEIXOTO, C. E. Aposentadoria: retorno ao trabalho e solidariedade familiar. In: PEIXOTO, C. E. (Org.). *Família e envelhecimento*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2004. p. 57-84.

SPOSITO, M. P. Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude e escola no Brasil. In: ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M. *Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 87-128.

VELHO, G. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

Recebido em: 25/02/2010

Aprovado em: 12/06/2010